

## **NARRATIVAS DO CORPO**

Coordenador: Vanessa Soares Maurenre

Este projeto busca construir narrativas imersivas, visando deslocar/problematizar afetos e coordenações de ações sobre alguns marcadores sociais da desigualdade, tais como sexo, etnia, raça, privação física e sensorial. A proposição é que a configuração de coletivos capazes de criar afinidades/parentesco com a diferença, e não apenas tolerá-la, consiste na possibilidade de modificarmos afetos e modos de agir habituais que se configuram como acoplamentos sujeitos-tecnologias-instituições. A proposta consiste na construção do que chamaremos de narrativas imersivas ou figurações que serão produzidas a partir de relatos de situações onde a diferença irrompe como tensionamento das relações. Após produzidas, as figurações serão objeto de exploração e de avaliação em oficinas, por diferentes grupos convidados: estudantes de graduação e do ensino básico, professores e agentes e usuários de serviços de saúde. Prevê-se a disponibilização de narrativas que abordem diferentes marcadores sociais e a produção de conhecimento sobre a potência disruptiva das narrativas imersivas ou figurações na modulação de afetos e de coordenações de ações. Uma das propostas de oficinas imersivas construídas até o momento teve como disparador uma fabulação intitulada indústria do gênero. Os participantes foram convidados através das redes sociais e por meio de cartazes publicitários ficcionais produzidos pelo grupo fixados em murais do Instituto de Psicologia. A atividade ocorreu na Biblioteca do Instituto de Psicologia, todos os dias, durante uma semana. Começávamos com a apresentação de um vídeo que narra uma ficção distópica entre os anos de 2020 a 2030, quando foram comercializados alimentos para crianças e jovens com microdoses de hormônios e medicamentos psicotrópicos. Os participantes eram, então, convidados a interagir conosco em um grupo de Whatsapp buscando entender os efeitos de tal consumo, através de um tablet disponibilizado para cada grupo, com seis personagens que viveram nessa época, interpretado pelos integrantes do grupo de pesquisa. Os personagens interpretados por nós eram Alex, homem branco de 20 anos, homossexual, de classe média, que consumia o ?Lactoboy? (iogurte que continha hormônios que se propunham a desenvolver características ditas masculinas), e Beatriz, mulher negra de 22 anos, que também tomava o ?Lactoboy?, mas com o objetivo de sobreviver em um mundo de brancos. Após o diálogo no aplicativo, eram realizadas rodas de conversa com os participantes da oficina e com os membros da equipe de pesquisa que performaram os personagens.